

## ALEGRIA

### UMA AVENTURA EM TRÂNSITO

Cristie de Moraes Campello  
UNIRIO

**RESUMO:** O artigo tem como proposta analisar o tema da alegria, como uma aventura em trânsito, propondo, para isso, dois aspectos da alegria que permitem percebê-la em sua totalidade. O embate do real e irreal surge, então, a partir de uma análise da alegria em sua perspectiva trágica. Um dos aspectos trata da alegria demoníaca, como choque, colisão; e outro da alegria dançante, leve. Ambos como forças afirmativas da vida. Antelo, Molder, Lispector, Deleuze, Nietzsche, Agamben e Potkay são os autores que embasam o artigo. Cada autor, a partir de uma perspectiva sobre alegria, traz contribuições que possibilitam a reflexão acerca de uma alegria trágica, afirmativa da vida em todas as suas forças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alegria; Forças; Trágico.

## JOY

### AN ADVENTURE IN TRANSIT

**ABSTRACT:** The article aims to analyze the theme of joy, as an adventure in transit, proposing, for this, two aspects of the joy that allow to perceive it in its totality. The clash of the real and unreal comes, then, from an analysis of joy in its tragic perspective. One aspect deals with demonic joy, such as shock, collision; and another of dancing joy, lightness. Both as affirmative forces of life. Antelo, Molder, Lispector, Deleuze, Nietzsche, Agamben and Potkay are the authors of the article. Each author, from a perspective on joy, brings contributions that enable reflection on a tragic, affirmative joy of life in all its forces.

**KEYWORDS:** Joy; Forces; Tragic.

[Cristie de Moraes Campello](#) é doutoranda em Memória Social no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

## ALEGRIA UMA AVENTURA EM TRÂNSITO

Cristie de Moraes Campello

*Alegria. Alegria.* Música do compositor Caetano Veloso criada em plena ditadura militar no Brasil.<sup>1</sup> Um ato de coragem. Uma alegria de esvaziamento: “caminhando contra o vento sem lenço e sem documento”.

Iniciar o texto com música é a melhor introdução para pensar a alegria. A proposta de fazer um texto mais musical do que conceitual, mais poético do que teórico, é uma ideia que reporta logo ao tema da alegria. A alegria que proponho apresentar nessa escrita é musical porque apresenta tonalidades com qualidades diferentes. Os dois aspectos da alegria que pretendo abordar: uma alegria visceral, demolidora, profunda e uma alegria dançante, leve.

Para falar desses dois tipos de alegria, proponho autores que abordam a alegria como um gesto visceral, demoníaco e que se referem a ela como uma dança. Ambas as perspectivas propostas apresentam a alegria como força, como a exigência de uma aventura, como uma categoria filosófica por excelência. A alegria como desconstrução de um sistema e como criação de novos sentidos para a existência. A alegria como força revolucionária, pois para viver a alegria como uma dança é preciso experimentar a alegria como demolição, como um grito de dor. A alegria das vísceras é um parto de alegria e dor que abre passagem para a alegria que dança.

A alegria que é percebida no interior da cultura está relacionada à moral, ao sofrimento, ao ressentimento: se a alegria não for completamente alegre, não é alegria. É quase uma obrigação que a alegria seja risonha, superficial, banal. É natural a alegria ser tudo isso. Ela não pode estar ligada à dor, ao sofrimento, às vísceras. Oh! Isso não pertence à alegria. Para ser alegre não se deve sofrer: o sofrimento não pertence aos alegres, só aos anoréxicos, aos disprépticos, aos que pecam e assim segue nesse vale de lágrimas. Assim somos acostumados a pensar a alegria.

Proponho, com os autores que vou apresentar, instaurar um pensamento diferente sobre a alegria: um pensamento-alegria, que é ao mesmo tempo demoníaco e dançante, mas profundamente corporal.

Como ponto de partida para essa aventura em trânsito com a alegria, tra-

<sup>1</sup> VELOSO, Caetano. *Alegria, alegria*. Philips: 1967. [Discografia].

go o escritor argentino Raúl Antelo, no seu texto *Coragem e alegria*.<sup>2</sup> Ele inicia com uma referência à escritora portuguesa Maria Filomena Molder e sua obra *O químico e o alquimista: Benjamin leitor de Baudelaire*<sup>3</sup> em que ela diz: “a arte não é instrumento de redenção humana. A arte não salva. Aquilo que salva é a ação, a decisão.”<sup>4</sup> Segundo Antelo, para a tradição judaico-cristã, no entanto, a história é fundamentalmente redenção. Portanto, segundo o autor, questionar acerca de uma filosofia da história e seu significado oculto dependem da história da redenção, de uma filosofia da história da era cristã. Assim, o crítico diz que a bússola salvacionista nos orienta ao apontar o Reino de Deus como fim último das ações humanas.

A partir desse pensamento, surgem as seguintes questões: será que os autores fazem uma ironia e apontam para uma salvação não pela arte, mas pelo cristianismo que traz no bojo de sua história a crença no reino de Deus como o último ato humano? Será possível uma alegria surgir nesse contexto?

Mais adiante no texto, Antelo referencia mais uma vez Molder e apresenta o aforismo *Sobre a Alegria. À memória de Olímpio Ferreira* onde ela destaca:<sup>5</sup>

[...] a história que não é uma ciência, implica um movimento de rememoração que nos impede de manter as vítimas ilhadas na dor, de sorte que precisamos romper a espantosa superação da temporalidade que as arrasta inexoravelmente para o esquecimento; mas, ao mesmo tempo, não é menos imperioso libertarmos do efêmero àqueles que experimentaram a alegria da condenação.<sup>6</sup>

Nessa citação da autora, trazida por Antelo no seu texto, surge a seguinte reflexão: qual o sentido que Molder dá à alegria quando fala da alegria da condenação? Será possível uma alegria vinculada à dor? Será que a rememoração é um movimento de transpor a inexorabilidade do esquecimento e, em consequência, de libertação da dor? É possível a partir de um trabalho de rememoração o surgimento de uma alegria leve?

No texto, ainda citando Molder “a alegria é sempre breve, brevíssima”.<sup>7</sup> A relação que Antelo faz entre a afirmação da autora, o instante e o prazer, é incomensurável, ou seja, não se mede com o tempo quantificado. Ele fala do

<sup>2</sup> ANTELO, Raúl. *Coragem e alegria*. In: MOLDER, Maria Filomena (Org.). *Depósitos de pó e folha de ouro*. São Paulo: Lumme Editor, 2016.

<sup>3</sup> MOLDER, Maria Filomena. *O químico e o alquimista: Benjamin, leitor de Baudelaire*. Lisboa: Relógio d'Água, 2011.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 86.

<sup>5</sup> MOLDER, Maria Filomena. *Sobre a alegria. À memória de Olímpio Ferreira*. *Revista Intervalo*, n. 4. Rio de Janeiro: Flâneur, 2010.

<sup>6</sup> ANTELO, Raúl. *Coragem e alegria*, op. cit., p. 10.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 11.

tempo no qual uma ação decisiva é como um lance de dados que fisga a oportunidade e a vida passa a ser preenchida no momento da alegria. Outra afirmação do autor está em que essa alegria do instante e da oportunidade não se encontra em projeções idealizadas do futuro, mas na memória das penúrias passadas e, fazendo uma referência a Benjamin, conhecer o passado historicamente não significa conhecê-lo e sim apropriar-se de uma lembrança num instante de perigo e, assim, a alegria tem a função de arrancar a transmissão da tradição do conformismo cultural, que está sempre prestes a abafá-la.

Observo que, nas palavras de Antelo, a alegria pode ser demolidora de um conformismo cultural que está sempre à espreita para subjugar e abafar a transmissão de uma tradição que o passado traz e que pode estar na lembrança de um instante de perigo. E será que esse instante que está no passado e não em projeções do futuro não encontra na alegria de sua lembrança a sua força de vida? É possível que neste instante, num tempo incomensurável, ou seja, que não se mede, podemos deparar com a brevidade da alegria que nos diz Molder?

No texto *A alegria é breve: uma conversa com Maria Filomena Molder*<sup>8</sup>, publicado no Caderno de Leituras n. 35, surge a seguinte reflexão sobre a alegria:

Alegria. O dique da alegria pode estar numa história que alguém nos conta ou numa história que contamos a nós próprios. A alegria, nesse sentido, ao mesmo tempo, que precisa de uma explicação ou de uma história, é imprevisível. Como ela teria a força e a delicadeza para fazer parte de novos modos de vida?<sup>9</sup>

Acompanhando o pensamento de Antelo, a autora, nessa reflexão, afirma a força que tem a alegria quando a relaciona com um dique, especialmente quando uma história é contada, ou seja, quando uma transmissão de narrativas e de memórias não é arrancada pelo conformismo da cultura. Segundo ela, nesse caso, a alegria é imprevisível, assim como um dique é imprevisível quando explode na sua força. Desse modo, Molder questiona se a alegria teria tanto a força quanto a delicadeza para pertencer a novos modos de vida. Refletindo sobre essa citação da autora, será que na alegria esse jogo de força e delicadeza funciona como um dique para criar novos modos de vida? E se a alegria é breve, como diz a autora, será que não podemos vivê-la intensamente e aproveitar cada instante dessa alegria breve?

<sup>8</sup> MOLDER, Maria Filomena; JORGE, Eduardo. *A alegria é breve: uma conversa com Maria Filomena Molder*. *Caderno de Leituras*, n. 35, 2015.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 1.

Molder, mais adiante, no mesmo texto, acrescenta:

Alegria é breve, como se poderia viver uma alegria longa? Às vezes damos por nós a sentir a desfazer-se a perfeição de um momento, que despertou a embriaguez de todo o nosso corpo. Temos de fechar os olhos ou começar a correr para não ficarmos soterrados pelos seus despojos soltos. A alegria carece de explicação e tampouco (gosto desta maneira de escrever) seria previsível, como diz o Eduardo, mas retorna. Quer dizer, estando inteiramente fora da trama da causalidade, com o seu cortejo de induções e deduções, a alegria, se uma vez veio ter conosco, há de vir a ter conosco uma vez mais. Acho que ela faz parte de certos encontros a que às vezes chamamos hábitos (não nos lembramos de quando vimos, ouvimos, sentimos, pela primeira vez): o nascer do sol, o canto de um melro, a chuva a bater na vidraça, a fruta apanhada da árvore e que metemos na boca, a luz dourada do Outono, um homem que assobia na rua uma canção da infância, nuvens corredoras, o cheiro da maresia, coisas banais e únicas, que entretecidas entre si têm a força e/ou a delicadeza de realizar o novo nos nossos modos de vida. Aceitemos que a alegria seja uma das pedras de toque do eterno retorno. E então as alegrias inesperadas, não contam? Contam, sim, mas se não nos aniquilarem, continuam a ser emissários daquilo que sempre retorna como “a brisa fresca da Aurora que nos bate no rosto” (palavras de Benjamin que se referem ao modo como se sente a novidade da obra de arte). Há ainda as alegrias esperadas que só nos são dadas uma vez, e pela primeira vez: o nascimento de um filho.<sup>10</sup>

Nesse trecho percebo que a autora apresenta toda a beleza e a poesia que há em viver um instante de alegria. A alegria é breve, é a embriaguez de um encontro, como diz ela, encontros que chamamos hábitos porque às vezes nem os percebemos, nem os sentimos, eles estão aí, são breves, mas são belos e sensíveis. Retornam mais uma vez, mais vezes. Segundo a autora, a alegria está longe de qualquer dedução, qualquer explicação, qualquer causalidade, ela é sensação, pertence ao campo sensível: sente-se e pronto. E ao final da citação, vem o nascimento. A autora apresenta uma alegria breve, mas esperada e que só experimentamos uma vez: o nascimento de um filho. Surge uma questão: será que a alegria não é um nascimento, um parto de dor e de prazer? Será que uma alegria demoníaca pode parir uma alegria dançante mesmo que seja breve?

Proponho a partir dessas reflexões acima, pensar sobre um trecho de uma entrevista concedida por Molder ao *Diário de Notícias*:<sup>11</sup>

Nós não podemos ignorar a escuridão, o deserto, os perigos, o terror da vida.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 2.

<sup>11</sup> PEREIRA, Mariana Pereira. *A vida que não é digna de ser vivida tem que cessar*. Entrevista de Maria Filomena Molder. *Diário de Notícias*, 31 dez. 2017.

Acho que a Clarice Lispector foi quem melhor percebeu isso, porque diz que pelo menos, e é tudo podemos aceitar isso. Não podemos deitar fora a condição, ou libertarmos-nos dela, mas podemos aceitá-la, e daí pode vir um sentimento, uma emoção forte, de alegria. A mortalidade é inevitável, mas nós podemos amar a vida enquanto mortais.<sup>12</sup>

Nesse trecho da entrevista observo que a autora afirma a vida em seus aspectos mais terríveis. Segundo ela, não podemos ignorar toda a condição tenebrosa que a vida nos coloca, inclusive que somos mortais, mas podemos amar a vida até enquanto seres mortais. Para a autora, essa afirmação da vida diante dos seus terrores proporciona um sentimento forte de alegria. E em sua ótica, quem melhor percebeu isso foi a escritora Clarice Lispector, porque consegue aceitar pelo menos toda essa condição que a vida apresenta e transforma o tenebroso da existência em arte e força.

Assim voltamos à ideia inicial do texto da apresentação das duas alegrias: a alegria demoníaca e a alegria dançante. Noite e dia. Escuridão e luz. Força e delicadeza. Coragem e covardia. Dor e prazer. Nascimento e morte. Forças da vida.

Nesse momento do texto, evoco Molder que fala mais uma vez de Clarice, que viveu, talvez como ninguém, essas contradições. E escreveu. Escreveu a angústia. E dançou com a angústia.

Sem dúvida. É mais fácil escrever. No entanto também podemos exercitar a alegria. O Alain ensina muito. Por exemplo: se estamos muito acabrunhados, tentemos fazer assim [ergue os ombros]. Não evita que fiquemos acabrunhados e que entremos em angústias tremendas: como é que se pode evitar? Tínhamos um condão qualquer, uma chave que mais ninguém tinha... Voltando ao escrever e viver: há pessoas que têm mais dificuldades do que outras em aceitar que são mortais, mas ninguém aceita muito bem. E tudo depende disso, a nossa vida toda depende disso, de sermos mortais. Muito se escreveu sobre isso e se continuará a escrever, mas escrever não é viver. Não tem nada a ver. A Clarice Lispector era, por aquilo que se lê nos seus livros e por coisas autobiográficas e biográficas, uma pessoa extremamente poderosa, atacada por uma angústia sem fim. O esforço que ela fazia, na escrita e na vida, para, de alguma maneira, dar forma àquela angústia, transformá-la noutra coisa, é como tirar de um mal um bem, ou descobrir que nesse mal há um bem. Se não tivéssemos febre não percebíamos certas doenças que temos. Não sei se pode extirpar a angústia da nossa vida, desconfio que não. Como diz o Kierkegaard, que é um autor que eu não estudo muito: “A angústia faz-nos dançar”.<sup>13</sup>

A partir dessa reflexão de Molder, sugiro a escritora Clarice Lispector que Antelo evoca no seu texto e que é também tantas vezes evocada por Molder.

---

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Ibidem.

Antelo diz: “Para Clarice, alegria é matéria de tempo e é, por excelência, o instante-já.”<sup>14</sup>

Clarice Lispector inicia sua obra *Água viva* assim: “[...] é com uma alegria tão profunda. É uma tal Aleluia. Aleluia, grito eu, Aleluia que se funde com o mais escuro vivo humano da dor de separação. Mas é grito de felicidade diabólica.”<sup>15</sup> Mais adiante, na mesma obra, Clarice afirma:

Mas eu denuncio. Denuncio nossa fraqueza, denuncio o horror alucinante de morrer – e respondo a toda essa infâmia com – exatamente isso que vai agora ficar escrito – respondo a toda essa infâmia com a alegria. Puríssima e levíssima alegria. A minha única salvação é a alegria. Uma alegria atonal dentro do it essencial. Não faz sentido? Pois tem que fazer. Porque é cruel demais saber que a vida é única e que não temos como garantia senão a fé em trevas – porque é cruel demais, então respondo com a pureza de uma alegria indomável. Recuso-me a ficar triste. Sejamos alegres. Quem não tiver medo de ficar alegre e experimentar uma só vez sequer a alegria doida e profunda terá o melhor de nossa verdade. Eu estou – apesar de tudo oh apesar de tudo – estou sendo alegre neste instante já que passa se eu não fixá-lo em palavras. Estou sendo alegre neste mesmo instante porque me recuso a ser vencida: então eu amo. Como resposta. Amor impessoal, amor it, é alegria: mesmo o amor que não dá certo, mesmo o amor que termina. E a minha própria morte e a dos que amamos tem que ser alegre. Não sei ainda como, mas tem que ser. Viver é isto: a alegria do it. E conformar-me não como vencida, mas num allegro com brio.<sup>16</sup>

A partir dessa força nas palavras de Clarice, me arrisco a dizer que o texto de Antelo *Coragem e Alegria* (2016) é todo implícito nessa violência. Violência pela coragem de afirmar a vida e a morte como alegria, de afirmar o término do amor com alegria. E não se deixar ser vencida pelo horror alucinante da morte, um não ao conformismo e um sim à vida, ao impessoal, ao estranho, à alegria com brio. Clarice é a escritora que apresenta com coragem uma alegria demoníaca, uma alegria demolidora de sistemas, a alegria como um instante de perigo, a alegria como emergência, como risco.

Cabe trazer outro autor, Daniel Lins, que traduz a escrita de Clarice como uma escrita bailarina:

O que Clarice revela em *Água viva* [...] é o jorro de uma energia que não se sabe nascida da escrita ou da música, da escrita como música: núcleo de uma vontade de potência que transforma a estética do movimento em pura intensidade.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> ANTELO, Raúl. *Coragem e alegria*, op. cit., p. 12.

<sup>15</sup> LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1973, p. 9.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 93-94.

<sup>17</sup> LINS, Daniel. Clarice Lispector: A escrita bailarina. In: LINS, Daniel; PELBART, Peter Pál (Org.). *Nietzsche e Deleuze: bárbaros, civilizados*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 45.

O jorro pode ser considerado um dique que atravessa toda a obra de Clarice, que nomeia por aproximação o indizível. Clarice apresenta uma escrita de choque, de colisão, como diz Lins.<sup>18</sup> É uma escrita dançante, bailarina, que acontecerá pelo corpo ou não acontecerá: corpo da escrita, corpo da música, corpo carne. É uma escrita visceral, plena de sentido, de intensidades, uma escrita-alegria.

Retorno à Molder para falar da dança, falar de um momento de alegria que a arte e a dança proporcionam:

Lembro-me de a Amália dizer ela teve um cancro no cérebro, e foi para os Estados Unidos decidida a matar-se que não se matou por causa do Fred Astaire. Isso é incrível. Fiquei varada. Ela ficou tão maravilhada com aquela leveza dele. Devo dizer que o Fred Astaire é um dançarino exímio, mas não me diz nada. Prefiro o outro. Como é que se chama o outro? Maravilhoso, do *Dançando na Chuva*. Gene Kelly. Sou fã do Gene Kelly, do Fred Astaire não. Nas *Demoiselles [de Rochefort]*, de Jacques Démy] nós só queremos vê-lo. Ele entra várias vezes a dançar na rua. Basta fazer assim com a mão e o mundo muda, tudo muda, todos os outros estão a dançar muito bem, mas ele não dança muito bem, é outra coisa. O Fred Astaire dança muito bem, mas não é outra coisa.<sup>19</sup>

Para fazer a relação com o que acaba de dizer Molder nessa citação a respeito de Kelly e Astaire cito o filósofo Deleuze em sua obra sobre cinema *A Imagem-tempo Cinema II*:

Repetidas vezes se opôs o estilo de Fred Astaire ao de Gene Kelly. E certamente, num, o centro de gravidade passa fora de seu corpo magro, flutua fora dele, desafia a verticalidade, balança, percorre uma linha que agora é tão-só a de sua silhueta, de sua ou de suas sombras, de modo que são as sombras que dançam com ele. Ao passo que, no outro, o centro de gravidade se aprofunda verticalmente em seu corpo denso, para retirar e fazer surgir do interior o manequim que o dançarino é. “Fortes movimentos de balanceiro aumentam, freqüentemente, o entusiasmo e a força de G. Kelly, e às vezes é fácil de perceber como ele se impulsiona com um salto. Já os gestos de F. Astaire se concatenam graças a uma clara vontade da inteligência, sem jamais abandonar ao corpo o movimento”, e definem sombras “sucessivas e perfeitas”.<sup>20</sup> É como se fossem os dois extremos da graça, como os definia Kleist, “no corpo de um homem desprovido de qualquer consciência e daquele que possui uma consciência infinita”, Kelly e Astaire.<sup>21</sup>

<sup>18</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>19</sup> MOLDER, Maria Filomena. *A vida que não é digna de ser vivida tem que cessar*, op. cit.

<sup>20</sup> MASSON, Alain. *La comédie musicale*. Paris: Éditions Stock, 1981, p. 49-50. (E sobre o que Masson chama de “o grau zero” ou “entrar em dança”, cf. p. 112-114, 122, 220).

<sup>21</sup> DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo- cinema II*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 78-79.



A partir dessas citações de Molder e de Deleuze, proponho uma possibilidade de transformação de uma alegria que tem como força o choque, a colisão, a demolição, para uma alegria que tem como força a leveza, a delicadeza. Ambas entendidas como forças de criação.

A partir desse instante do texto, evoco o filósofo Nietzsche e proponho uma relação entre alguns trechos de suas obras e o que foi exposto até aqui.

Início essa relação com um aforismo de Nietzsche em sua obra *Aurora* (aforismo 509) “terceiro olho”:

O quê? Você ainda precisa de teatro? Ainda é assim tão jovem? Use a inteligência e procure a tragédia e a comédia lá onde elas são mais bem representadas! Onde tudo se passa de maneira mais interessante e mais interessada! É bem verdade que não é muito fácil permanecer nela como mero espectador; mas aprenda a fazê-lo! Aí então, em quase todas as situações difíceis e penosas, você conservará uma pequena porta para a alegria e um refúgio, mesmo quando suas próprias paixões desabarem sobre você. Abra seu olho de teatro, o grande terceiro olho que considera o mundo através dos dois outros!<sup>22</sup>

Observo que o olhar lançado por Nietzsche nesse aforismo define esse órgão suplementar como o único que permite assistir com certa distância o que acontece no palco da existência. Uma vez desenvolvido, ele funciona como uma porta para a alegria, como uma defesa contra o sofrimento, já que aquele que o possui se distancia e escapa do domínio de suas paixões e passa a ser espectador de seu próprio drama. A alegria aqui funcionando como um refúgio contra o peso e a seriedade da existência. O filósofo propõe o terceiro olho que vê com mais distância que os outros dois, e assim se torna espectador e ator ao mesmo tempo no palco da existência. Nietzsche rompe com o peso da seriedade da moral e da religião e da rigidez da gravidade da existência e propõe a leveza do terceiro olho, o olho lúdico, o olho de uma sabedoria alegre. Aqueles que são ao mesmo tempo atores e expectadores da existência observam o espetáculo da vida com distanciamento, não se deixando sucumbir pelo peso do sofrimento e do ressentimento, reservando sempre ao seu alcance uma porta para a alegria.

No aforismo 239 de sua obra *A gaia ciência*, sua ciência alegre, o filósofo se refere à alegria em outra perspectiva:

*Sem alegria* – Basta uma única pessoa sem alegria para criar constante mau humor e céu escuro em toda uma casa, e somente por milagre ocorre que não haja essa

<sup>22</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 126-127.

pessoa! – A felicidade está longe de ser uma enfermidade assim contagiosa – de onde virá isso?<sup>23</sup>

Nessa outra perspectiva, o filósofo apresenta um estado sem alegria, no qual não se reconhece a alegria em nenhum aspecto, ou seja, não se reconhece a alegria demoníaca nem a alegria dançante, logo, ignora a possibilidade da alegria na existência. Tal estado se torna mais contagioso do que a felicidade. Cabe repetir sua pergunta: de onde virá isso?

Pensando a partir dessa questão, todo esse estado sem alegria pode ser reflexo da ausência da afirmação da vida em sua totalidade, seja na alegria demoníaca ou dançante. Nesse vazio, o mau humor predomina, enchendo os espaços e contagiando a existência.

Em sua obra, *Humano demasiado humano* no aforismo 209, Nietzsche traz o tema *Alegria na velhice*:

O pensador ou artista que guardou o melhor de si em suas obras sente uma alegria quase maldosa, ao olhar seu corpo e seu espírito sendo alquebrados e destruídos pelo tempo, como se de um canto observasse um ladrão a arrombar seu cofre, sabendo que ele está vazio e que os tesouros estão salvos.<sup>24</sup>

O filósofo afirma que, para o artista ou pensador, independentemente de o corpo estar alquebrado e destruído pelo tempo, os tesouros estão salvos. De modo atemporal, o máximo de beleza que se chegou a alcançar guardou-se na criação artística, e as transformações do corpo não ameaçam a memória da criação de que as obras dão testemunho. Podemos considerar este um estado de alegria?

Os tesouros estão para além de um corpo físico que se desgasta com o tempo, porque tais tesouros são exatamente as alegrias das experiências vividas, demoníacas ou dançantes, que a vida proporcionou como marcas indestrutíveis, afirmadas em algum instante vivido.

Agamben, no texto *Ideia da felicidade*, apresenta uma visão diferente. Para esse autor, o tesouro está relacionado a uma ilusão, ao caráter, que ele apresenta como uma comédia e que a morte desvela a máscara: “assim se brinca com a morte [...] ela não tem nem olhos nem mãos para o tesouro do caráter. Esse tesouro, aquilo que nunca foi, é recolhido pela ideia da felicida-

<sup>23</sup> Idem, *A gaia ciência*. Trad. Paulo Cezar de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 180.

<sup>24</sup> Idem, *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo Cezar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 141.

de.”<sup>25</sup> Segundo Agamben, a felicidade “é o bem que a humanidade recebe das mãos do caráter”<sup>26</sup>, ou seja, ele provoca uma colisão frente à ideia de felicidade como um bem-estar moral que aliena e amortece as consciências.

Para o autor, a grande brincadeira é que, no momento da morte, esse guardião de uma vida intocada, que é o caráter, desaparece: “no rosto do morto, já não há marcas do que não foi vivido, as rugas gravadas pelo caráter alisam-se.”

Para colaborar com a reflexão do autor apresento Borelli que cita Clarice Lispector: “[...] não agüento mais os bons sentimentos. Quero ser ruim e me vingar. Quero entrar em guerra com o mundo. O mundo me vencerá, mas, pelo menos, farei uma coisa decente: morreréi.”<sup>27</sup>

A partir dessas considerações, podemos refletir: como a alegria pode ter um aspecto dilacerante e demolidor? E como ela pode ser música, poesia, dança? Todas as forças ao mesmo tempo. Forças revolucionárias e forças de criação.

Para Nietzsche, a finalidade da tragédia é produzir alegria, uma resistência ao próprio sofrimento. Segundo Potkay,

A tragédia, entendida como a frustração inevitável e a destruição da vontade individual, vem a ser compreendida também como a alegria suprema da vida, tanto para o herói que morre, como para a audiência que a assiste [...] A “alegria trágica”, como Nietzsche a caracteriza, marca a satisfação ou do desejo da morte ou da vontade de viver mais intensamente em face à morte – ou ambos.<sup>28</sup>

Essa citação remete aos dois aspectos da alegria já citados: alegria demoníaca e alegria dançante. A primeira como proximidade da morte e a segunda como afirmação incondicional da vida. Ambas têm a mesma intensidade, a mesma embriaguez perante a vontade e a potência de viver. A obra *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*, no capítulo *Da visão e enigma*, ilustra essa reflexão, quando o filósofo Nietzsche conta a seguinte história:

E, na verdade, o que vi, jamais vira igual. Vi um jovem pastor contorcendo-se, sufocando, estremecendo, com rosto deformado, e uma negra, pesada serpente

<sup>25</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. Trad. João Barrento. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 88.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>27</sup> BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 50.

<sup>28</sup> POTKAY, Adam. *A história da alegria: da Bíblia ao Renascimento tardio*. São Paulo: Globo, 2010, p. 288.

que lhe saía da boca.

Alguma vez vi tanto nojo e pálido horror em um rosto? Havia ele dormido? E a serpente rastejou para dentro de sua garganta – e ali mordeu firmemente.

Minha mão puxou e tornou a puxar a serpente: – em vão! Não consegui puxar a serpente da garganta. Então de dentro de mim se gritou: “Morde! Morde!

Corta a cabeça! Morde!” – assim se gritou de dentro de mim, meu horror, meu ódio, meu nojo, minha pena, tudo de bom e ruim gritou com um grito de dentro de mim. [...]

Quem é o pastor em cuja garganta a serpente entrou? Quem é o homem em cuja garganta entrará tudo de mais pesado, de mais negro?

– Mas o pastor mordeu, tal como lhe disse meu grito; mordeu com boa mordida! Para longe cuspiu a cabeça da serpente –; e levantou-se de um salto. –

Não mais um pastor, não mais um homem – um homem transformado, um iluminado que ria! Jamais, na terra, um homem riu como ele ria!

Ó meus irmãos, escutei um riso que não era riso de homem – e agora me devora uma sede, um anseio que jamais sossega.

Meu anseio por esse riso me devora: oh, como suporto ainda viver? E como suportaria agora morrer?

– Assim falou Zaratustra.<sup>29</sup>

Nesse episódio, o filósofo apresenta uma afirmação total da alegria, a partir de uma visão que, utilizando as figuras do pastor e da serpente, coloca em cheque os valores metafísicos, morais de uma existência niilista, que nega a vida. Ao morder a cabeça da serpente, que, segundo o filósofo, representa a visão negativa da vida, o próprio Zaratustra assume sua força demoníaca, a encara de frente, cospe a cabeça e se liberta, com um riso extraordinário, dos valores negativos e pesados da existência. Surge, com isso, a leveza do riso e da alegria.

Após essas reflexões, trago as palavras do filósofo Rosset: “[...] em outros termos, a alegria tem sempre contas a acertar com o real, enquanto que a tristeza debate-se sem descanso – e é essa sua própria infelicidade – com o irreal.”<sup>30</sup>

Enfim, a alegria aqui apresentada, nos dois aspectos propostos, e a partir dos autores e de seus pensamentos, é a alegria em sua totalidade. Para refletir com Rosset, a alegria é uma força maior que vai ao encontro direto do real, sem subterfúgios. Ela o encara de frente, com tudo que ele traz. Ao passo que a tristeza habita o irreal, se debate sem descanso em busca de um ideal. Essa é sua infelicidade.

Assim, proponho refletir que a alegria em todos os seus aspectos, em sua

<sup>29</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 152.

<sup>30</sup> ROSSET, Clément. *Alegria: a força maior*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000, p. 10.

totalidade é uma força fundamental à vida. Ela é uma travessia em trânsito para uma plenitude da existência. Ela é uma ponte para a celebração da vida, segundo Rosset “é uma expressão direta e inocente de uma radical adesão ao viver”.<sup>31</sup>

A partir dessas considerações, a proposta é investigar o tema da alegria como uma espécie de incômodo com autores cujos pensamentos são denúncias à polidez social e que fazem ruir as verdades estabelecidas. A ideia é embaralhar os dois aspectos propostos sobre a alegria e torná-la uma única força: uma força revolucionária que subverte a moral e os costumes revertendo uma ideia de uma alegria bem comportada. Uma alegria como potência, avessa às ilusões e que habita inteiramente o real.

---

<sup>31</sup> Ibidem, p. 10.



*Recebido em 11 de abril de 2018*  
*Aceito em 12 de julho de 2018*